

## *Devanear, caminhar, meditar: Considerações sobre a Quarta Caminhada de Os Devaneios do Caminhante Solitário\**

Barbara Rodrigues Barbosa\*

### RESUMO

Pretende-se, nessa apresentação fazer uma análise da *Quarta Caminhada de Os Devaneios do Caminhante Solitário*. Rousseau começa sua caminhada relatando o que aconteceu nos dias anteriores. Nos diz ele que lera Plutarco, um dos autores que mais o influenciou durante a vida, precisamente o tratado *Como Tirar Proveito dos Seus Inimigos*, curiosamente junto a isso ele vira em um jornal que o abade Rosier mudara, ironicamente, sua máxima. Intrigado com os motivos que o levaram a isso e interessado em aprender as lições de Plutarco, o autor genebrino resolve usar a caminhada do dia seguinte para pensar sobre a mentira. Como sabemos, ao escrever seus textos autobiográficos, Rousseau parte sempre de dois princípios, o “conhece-te a ti mesmo” do templo de Delfos – que admite logo no início da caminhada ser um princípio mais difícil de seguir do que ele supunha em suas Confissões – e a máxima que adotou como lema de sua vida: *Vitam Impendere Vero* (dedicar sua vida à verdade). Duas questões principais deverão, portanto, ser examinadas. A Primeira é quando e como se deve a alguém a verdade e a segunda é se podemos enganar sem querer. Para responder a primeira Rousseau nos dirá que existem diferentes tipos de verdade e, a verdade devida é aquela que interessa a justiça. Essa será a verdade “moral” e, portanto, a verdade que se deve a outrem.

PALAVRAS-CHAVE: Rousseau, Ficção, Verdade

### ABSTRACT

This presentation intends to make an analysis of the *Fourth Walk of The Reveries of a Solitary Walker*. Rousseau begins his walk by reporting what happened in the previous days. He tells us that he had read Plutarch, one of the authors who influenced him most in his life, precisely the treatise *How to Profit by One's Enemies*, oddly he had seen on the same day a newspaper in which the Abbot Rosier had ironically changed his maxim. Intrigued by the reasons for this and interested in learning Plutarch's lessons, the Genoese author decides to use the next day's walk to think about lie. As we know, in writing his autobiographical texts, Rousseau always starts from two principles, the 'Know yourself' of the temple of Delphi - which he admits early in the journey to be a more difficult principle to follow than he supposed in his Confessions - and the maxim he adopted as the motto of his life: *Vitam Impendere Vero* (dedicating his life to the truth). Therefore, two main issues should be examined. The first one is when and how one owes someone the truth and the second one is if we can mislead someone unintentionally. To answer the first Rousseau will tell us that there are different kinds of truth, and the truth due to someone is that which concerns justice. This will be the “moral” truth and the one that is due to another person.

KEYWORDS: Rousseau, Fiction, Truth

---

\* Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada durante o XVIII Encontro Nacional da ANPOF em 2018. Nessa versão estendo e aprofundo os temas que indiquei naquela ocasião.

\*\* Doutoranda do Programa de pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

*Os devaneios do caminhante solitário* é uma obra autobiográfica publicada postumamente e de maneira inacabada, posto que foi interrompida pela morte de Rousseau em 1778. O autor genebrino define o tom que terá seu texto logo nos parágrafos iniciais da obra, em sua primeira caminhada:

Eis-me, portanto, sozinho sobre a terra, sem outro irmão, próximo, amigo ou companhia que a mim mesmo. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime, buscaram nas sutilezas de seus ódios que tormento poderia ser mais cruel para minha alma sensível e romperam com violência todos os laços que me ligavam a eles. Teria amando os homens apesar deles mesmos. Ao cessarem de sê-lo, só puderam privar-se de minha afeição. Agora, portanto, são para mim estranhos, desconhecidos, por fim insignificantes, pois assim o quiseram. Mas e eu mesmo, afastado deles e de tudo, o que eu sou? Eis o que me resta buscar. (ROUSSEAU, 2011, p. 7)

Jean-Jacques define, ainda na *Primeira Caminhada*, que *Os Devaneios* podem ser lidos como uma espécie de apêndice a suas *Confissões*, ele continuará o exame que outrora fez de si mesmo, só que agora suas reflexões serão, nas palavras do autor, “um diário disforme dos meus devaneios” ((ROUSSEAU, 2011, p.13). Todavia, não devemos tomar os *Devaneios* como uma continuação linear nem das *Confissões* e tampouco dos *Diálogos*, o que os liga é a tentativa de Rousseau conhecer-se a si mesmo por meio do exame de sua consciência.

Posto que Rousseau, nas palavras de Starobinski (2011), “conveneu-se de que doravante o mundo está surdo à sua voz e resigna-se” (STAROBINSKI, 2001, p.477), não resta alternativa a não ser o isolamento ou seja: um pensamento e palavra que se voltem para o “eu”:

“a palavra percorrerá um circuito interno; ela se refletirá e se absorverá em seu autor; a consciência pessoal, desdobrada em uma consciência

discursante e em uma consciência receptora, se alimentará de sua própria substância.” (STAROBINSKI, 2001, p.477)

Feita essa breve introdução sobre a composição dos *Devaneios*, passo agora ao objetivo desse ensaio: Examinar os conceitos de verdade, mentira e ficção para Rousseau, por meio de uma análise da *Quarta Caminhada*.

O devaneio não está em um plano puramente racional e guiado por uma linearidade temporal absolutamente definida, mas antes está ligado aos sentimentos e a ideias encadeadas por afinidade, posto que “o sentimento da existência não é resultado da meditação, e sim do devaneio. A ordem das razões é substituída pela ordem dos sentimentos no quadro da vida” (PISSARRA, 2015, p.4).

Em geral, as caminhadas são construídas por um encontro (Τύχη – com *Týke* a Deusa da Fortuna nos cultos gregos, ou um encontro inesperado e fortuito). O devaneio é “uma caminhada” intelectual. A caminhada tem uma estrutura que o liberta, o tira do lugar, o leva à natureza onde ele medita sobre a questão que está analisando e o retorna para o seu lugar com a melhor solução possível:

As caminhadas pelo campo, a herborização, levam-nos a lugares solitários, próprios aos devaneios, pois esse era um prazer que os homens não poderiam tirar-lhe; a caminhada representa aquele que não mais está submetido a nenhum percurso previamente estabelecido, que não mais está preso as contingências sociais. (idem)

Os passeios são provocados, comumente, por algum contexto que levará o cidadão de Genebra a meditar moral e filosoficamente sobre determinados assuntos. Assim acontecerá também na *Quarta Caminhada*,

onde ele refletirá filosoficamente sobre sua fidelidade à divisa que adotou como lema de sua vida, *Vitam Impendere Vero* (“dedicar sua vida à verdade”), partindo de suas experiências com a verdade e a mentira. Passemos, então, a acompanhar o trajeto dessa caminhada.

Rousseau começa relatando os acontecimentos dos seus dias anteriores. Nos diz ele que lera Plutarco, um dos autores que mais o influenciou durante a vida, precisamente o tratado *Como Tirar Proveito dos Seus Inimigos* e, curiosamente, junto a isso, ele vira em um jornal que o abade Rosier mudara, ironicamente, sua máxima. Intrigado com os motivos que o levaram a tal provocação e interessado em aprender as lições de Plutarco, o autor genebrino resolve usar a caminhada do próximo dia para pensar sobre a mentira. É a “contra-verdade” do Abade Rosier que o coloca em questionamento sobre sua máxima, consagrar a vida à verdade<sup>1</sup>.

Como sabemos, ao escrever seus textos autobiográficos, Rousseau parte de, pelo menos, dois princípios: (a) o “conhece-te a ti mesmo”, do templo de Delfos – que admite logo no início da caminhada ser um princípio mais difícil de seguir do que ele supunha em suas *Confissões* –; e (b) a máxima que adotou como lema de sua vida: *Vitam Impendere Vero*, como foi dito anteriormente. Sabemos também que, desde o *Primeiro Discurso*, Rousseau se diz “defensor da verdade”, esse tema é por ele retomado em outras obras, como no *Prefácio de Narciso*, nas *Confissões* e nas *Cartas escritas da montanha*. Mas é na *Carta a d’Alembert* que Rousseau anuncia sua máxima, retirada de um verso de Juvenal (*Sátiras*,

---

<sup>1</sup> O Abade Rosier faz uma corruptela irônica do lema de Rousseau ao grafar a divisa como *Vitam Vero Impendenti* (Para aquele que dedica sua vida à verdade).

IV, 9), declarando ser “a divisa que escolhera e da qual se sentia digno”. (ROUSSEAU, 1781, p. 66)

Em suas *Confissões*, Rousseau nos conta sobre uma mentira que o atormentou durante toda da vida: uma fita roubada por ele, quando era serviçal em uma residência aristocrática em Turim e a acusação que faz a outra pessoa, Marion, uma das empregadas da casa, pelo ato. Ao analisar essa passagem de sua vida anos mais tarde e percebendo que agiu errado e prejudicou a moça, o autor retomará esse acontecimento mais uma vez em seus *Devaneios* e o usará como ponto de partida de seus argumentos nessa caminhada:

Considerando apenas meu estado de espírito quando a disse, essa mentira não passou de um fruto do pudor, longe de ter a intenção de prejudicar aquela que foi sua vítima, posso jurar perante os céus que, no exato momento em que a invencível vergonha a provocou, eu teria dado com alegria todo o meu sangue para que suas consequências recaíssem apenas sobre mim. (ROUSSEAU, 2011, p.44)

Como não havia a intenção de prejudicar Marion, Rousseau nos explica que não havia maldade em suas ações, isso torna sua mentira menos grave por um lado, mas não menos mentira por outro. Mesmo essa atitude, que lhe causou “um horror pela mentira e preservou seu coração desse vício” (idem) não evitou que ele mentisse de novo sem necessidade e sem pesar e se surpreende com a quantidade de coisas que, ao longo dos anos, inventou e que lembrara ter dito como verdadeiras. Essa reflexão sobre um problema pessoal o leva a pensar na mentira no sentido filosófico moral.

Vem a sua lembrança, em seguida, que uma vez lera em livro de filosofia que “mentir é esconder uma verdade que devemos revelar” (ROUSSEAU, 2011, p. 45). A partir dessa frase, duas questões principais deverão, portanto, ser examinadas. A Primeira é (a) “quando e como devemos a alguém a verdade” e a segunda é (b) “se existem casos em que podemos enganar sem querer”. Para responder a primeira, Rousseau nos dirá que existem diferentes tipos de verdade, mas, a verdade devida é aquela que interessa à justiça. Essa será a verdade “moral” e, portanto, a verdade que se deve a outrem.

Não dizer o que é verdadeiro e dizer o que é falso (mentir) são coisas distintas e que se relacionam com a resposta da segunda questão: “é possível mentir sem querer?”. A mentira é um ato voluntário e intencional, não se pode mentir sem saber. Por outro lado, podemos dizer algo falso acreditando que dizemos a verdade, mas nesse caso não mentimos e sim nos enganamos. Porém, enganar dizendo o contrário da verdade e não a declarando (seja por desconhecer-la ou omiti-la) não é do mesmo modo injusto? E, poderíamos ser injustos se não prejudicarmos ninguém? Essas perguntas levam a outras questões morais tão difíceis de responder quanto as primeiras.

Na tentativa de encontrar uma resposta, Rousseau nos apresenta seu “imperativo categórico” ao afirmar que seria fácil nos livrarmos de todas essas dúvidas dizendo: “sejam sempre verdadeiros, mesmo com todos os riscos. A justiça está na verdade das coisas e mentir é sempre inequidade; o erro é sempre impostura quando provocamos algo que não

segue a regra do que devemos fazer ou crer: e seja qual for o efeito resultante da verdade, sempre somos inocentes quando a dizemos pois nada acrescentamos de nosso” (ROUSSEAU, 2011, p.48). Todavia, como saber diferenciar, sem errar em meu julgamento, em quais casos a verdade é sumariamente exigida e em quais que podemos cala-la sem injustiça? Ouvindo mais os ditames de nossa consciência que as luzes de nossa razão, nos responde o autor da caminhada. Para Rousseau a nossa consciência (nosso instinto moral) é aquilo que nos faz humanos; por meio dela, o Homem se dá conta de que é racional e livre, e mesmo o mais inculto entre eles é capaz de se guiar por ela.

Existe uma associação entre a justiça e a verdade, essa amalgama entre os dois elementos culminará na *Quarta Caminhada*, nas definições de mentira e do que seria a mentira não prejudicial, que Rousseau chamará ficção.

Para que a mentira não seja mentira, seja ficção, é preciso que ela não resulte em nenhum tipo de injustiça. Isso quer dizer, “sem proveito e prejuízo para si ou para outrem” (ROUSSEAU, 2011, p.49). Logo, mesmo as mentiras ditas “uteis” ou oficiosas são para o pensador genebrino verdadeiras mentiras, pois são usadas para enganar, para privilégio próprio ou de outrem e isso não é menos injusto do que quando se engana para prejudicar.

A pergunta que se segue é: como demarcar o limite entre verdade, mentira e ficção? Parece que esse limite é colocado pela justiça, pois “tudo que é contrário à verdade, em nada diz respeito a justiça, não passa de ficção” (ROUSSEAU, 2011, p.49).

Ora, a ficção não é a verdade, mas também não é mentira, e mesmo na ficção há distinções, (a) as que possuem objetivos morais (apólogos ou fábulas) e (b) as que são estéreis, como a maior parte dos contos e romances “que, não contendo nenhum verdadeiro aprendizado, apenas o divertimento [são] desprovidas de qualquer utilidade moral (ROUSSEAU, 2011, p.49).

Existem ainda dois tipos de verdade relacionadas à ficção: (a) a que se relaciona com as pessoas em sociedade e (b) a que se relaciona com o “homem verdadeiro” (sincero), de Rousseau. Em sociedade, as pessoas que se dizem sinceras se preocupam apenas com a fidelidade narrativa em seus discursos e não com a veracidade do conteúdo. O relato que se pretende demasiado fiel é, na verdade, o contrário de verossímil, uma vez que aprisiona a imaginação e restringe a memória. Se pensarmos nas autobiografias como as que Rousseau faz, essa distinção é extremamente importante, principalmente quando se procura uma certificação da realidade com a narrativa.

Por outro lado, o “homem verdadeiro”, ou se quisermos, sincero, faz exatamente o contrário das pessoas que em sociedade chamamos verdadeiras. Ele é verdadeiro mesmo contra seus interesses, não procura enganar ninguém nem em vantagem própria e nem em prejuízo dos inimigos e é sempre fiel à verdade, mesmo que ela o acuse. Em suma, o homem verdadeiro não faz distinções entre verdade e justiça:

Justiça e verdade são para ele sinônimos, podendo ser tomados um pelo outro, sem distinções. A santa verdade que seu coração adora, não consiste em fatos indiferentes e nomes inúteis, mas em atribuir com fidelidade a cada um o que lhe é devido nas coisas que de verdade são suas, imputações boas ou ruins, retribuições de honra ou censura,

de louvor ou repreensão. Ele não é falso com os demais, porque sua consciência não o permite e porque ele não quer prejudicar alguém injustamente, nem consigo mesmo, porque sua equidade não o permite porque ele não conseguiria atribuir-se o que não é seu. [...] Ele mentirá, portanto algumas vezes em coisas indiferentes, sem escrúpulos e sem achar que mente, nunca para dano ou proveito de outrem nem de si mesmo. Em tudo o que diz respeito às verdades históricas, em tudo o que se refere à conduta dos homens, à justiça, à sociabilidade, às luzes úteis, ele defenderá do erro, tanto quanto depender dele, a si mesmo e aos outros. Qualquer mentira além disso, segundo ele não é mentira. (ROUSSEAU, 2011, p. 52)

Ao final da caminhada, Rousseau diz que, não fosse a provocação do abade Rosier, jamais teria se questionado sobre se teria traído a consagração de sua vida à verdade e, portanto, teria de fato mentido como seus inimigos costumavam afirmar. Proclamar a si mesmo como aquele que diz a verdade e que coloca a própria vida em favor dela pode ser perigoso, mas poder ao final da vida ser verdadeiro consigo e pôr essas questões em dúvida é, para Rousseau, a maior prova de sinceridade que podia dar ao seu lema e às suas ideias, afinal “nunca é tarde demais para aprender, inclusive com seus inimigos, a ser sensato, sincero, modesto, e a presumir menos de si mesmo” (Rousseau, 2011, p. 61).

O devaneio traça um caminho de uma “transmutação purificante” (STAROBINKI, 2011, p. 493). Somente ao escrevê-lo se pode fazer o registro desse trajeto. Segundo Starobinski (2011), é na escrita autobiográfica que a busca pela transparência alcança seu objetivo. Ela significa, portanto, um novo lugar e um novo tipo de fazer filosofia, oposta àquela do pensamento iluminista. Devanear, meditar, caminhar, constitui mais um movimento em direção ao “eu”, como possibilidade de uma filosofia que

apresente o que é a ideia de verdade fundada nas sensações e sentimentos, usando, como guia, aquilo que nos une em sentimentos comuns enquanto humanos: a consciência.

## **Referências Bibliográficas**

ROUSSEAU, J.-J. Os devaneios do caminhante solitário. Trad. Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

\_\_\_\_\_. Confissões. Trad. Livros I a X Rachel de Queiroz, livros XI e XII José Benedicto Pinto. Bauru. São Paulo: EDIPRO, 2008.

\_\_\_\_\_. Lettre a m. d'Alembert sur les spectacles. Genebra, 1781.  
Disponível em: <<http://www.espace-rousseau.ch/f/textes/lettre%20%C3%A0%20d%27alembert%20utrecht%20corrig%C3%A9e.pdf>>.

PISSARRA, Maria Constança Peres. Escritura, Verdade, Virtude. São Luís, Cadernos de Pesquisa, set./dez. 2015, p.01-p.10.

STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.